

A psicopatologia entre a alma e os nervos: a *Medicina theologica* (1784) de Francisco de Melo Franco

Paulo José Carvalho da Silva *

Resumo: No *Medicina theologica*, de 1784, o médico mineiro Francisco de Melo Franco defendeu que é necessário conhecer a natureza dos nervos, sua estrutura e disposição para poder tratar os vícios humanos. Propomos analisar sua psicopatologia, suas principais influências e suas contradições. Franco realizou uma significativa inversão da tradição da medicina da alma seguindo a tendência francesa setecentista ao mesmo tempo em que conservou traços da noção psicossomática dos antigos. Concluímos que seu organicismo representou uma nova perspectiva de pesquisa sobre o humano, mas nem por isso foi menos moralista do que a abordagem propriamente teológica das paixões da alma.

Palavras-chave: história da psicologia; história da fisiologia; psicopatologia; Francisco de Melo Franco.

The psychopathology between soul and nerves: Francisco de Melo Franco's *Medicina theologica* (1784)

Abstract: In *Medicina theologica*, published in 1784, the Brazilian physician Francisco de Melo Franco claimed it is necessary to know the nature of the nerves, their structure and disposition as a condition to heal human vices. This paper aims to analyze his psychopathology, his main influences and his contradictions. Although Franco operated a significant inversion of the medicine of the soul's tradition, following the French Enlightenment trend, he emphasized part of the ancient psychosomatic concept. We conclude that his materialistic psychology represented a new perspective regarding research on humans. However, it was not less moralistic than the theological approach to the passions of the soul that he intended to replace.

Keywords: history of psychology; history of physiology; psychopathology; Francisco de Melo Franco.

* Programa de Estudos Pós-graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Cajaíba, 15 ap. 304. Sumaré, São Paulo, SP, CEP 05025-000. E-mail: paulojcs@hotmail.com.

Uma das fontes mais importantes para se compreender as relações entre idéias psicológicas e biológicas no contexto luso-brasileiro do século XVIII é o livro *Medicina theologica*, publicado em 1784 pelo médico mineiro Francisco de Melo Franco (1757-1823). Este artigo pretende examinar as principais características inovadoras e conservadoras da proposta de compreensão e tratamento de psicopatologias defendida por Franco e, com isso, refletir sobre seu lugar na história das ciências no Brasil colonial.

Francisco de Melo Franco nasceu em Paracatu, Minas Gerais, em 1757. Iniciou seus estudos no Seminário de São Joaquim do Rio de Janeiro. Formou-se em medicina pela Universidade de Coimbra em 1785. Ainda no tempo de estudante, foi acusado de irreligiosidade e chegou a ser preso nos cárceres da Inquisição. No entanto, alcançou sucesso como clínico em Lisboa, tendo mesmo assumido o cargo de médico do Paço. A convite real, retornou ao Brasil em 1817, onde foi marginalizado por causa de suas idéias liberais, o que marcou o resto de sua vida neste país.

O objetivo do *Medicina theologica* é fornecer um repertório de conhecimentos sobre as causas físicas das paixões humanas a fim de instrumentar a intervenção dos chamados médicos de almas, ou seja, os confessores.

Para Franco, os remédios exclusivamente morais seriam inúteis porque seria ineficiente agir apenas na alma. Orações, jejuns e disciplinas de nada valem. Ao invés de considerar o corpo um mero escravo rebelde da alma, o confessor deve aprender as leis que regem seu funcionamento. Não basta ser apenas médico de almas, ele deve necessariamente remediar o corpo.

Na realidade, o discurso teológico vigente, sobretudo aquele derivado do tomismo, admitia uma estreita união entre corpo e alma e, inclusive, analisava os efeitos da comunicação, simpatia ou contágio entre os acidentes das duas partes formativas do ser humano.

O médico defendeu uma inversão na interpretação das causas e efeitos, elegendo o campo do somático como a principal causa das paixões. Por essa razão, a salvação da alma passaria a depender da saúde do corpo. E, por conseguinte, o confessor deveria também administrar remédios físicos, sem os quais não haveria mudança real de hábitos e, muito menos, perfeita cura espiritual:

Daqui se vê que eu considero aos confessores como médicos que curam não só o formal dos pecados como uma transgressão da lei, mas também das causas físicas de que eles dimanam; que não somente absolvem os penitentes depois de se capacitarem de sua dor e propósito, mas também que lhes prescrevem medicamentos físicos que os ajudam a perseverar na emenda prometida, a vencer os maus hábitos e ainda a mudá-los, ou facilitar a se adquirirem outros tantos em lugar dos perversos que tinham (Franco, [1784], 1994, p. 16).

Franco argumentou que combinar a teologia com a medicina produziria mais frutos na própria Igreja do que os teólogos, que ele considerava sobremaneira ascéticos e abstratos, ocupados unicamente com as idéias platônicas e aristotélicas. O que se lê, porém, ao longo de seu livro não é uma conciliação das duas disciplinas e dos dois campos de ação, mas uma tentativa de subordinar a teologia moral à medicina.

Assim, conforme Franco, todo confessor deve conhecer a natureza dos nervos, sua estrutura, disposição e seus usos para poder compreender os vícios humanos. Em resumo, os acidentes da alma dependem do que se passa com os nervos: “Mas porque o homem é formado de nervos, que são outros tantos vasos delicados, cheios de um suco sutil está sua alma ligada – segue-se que toda a mudança que se ocasionar em alguma destas substâncias produzirá ao mesmo tempo em todas elas sua mudança respectiva” (Franco, [1784], 1994, p. 35).

Todavia, a descrição do médico mineiro sobre a dinâmica formal das paixões não difere muito das concepções filosóficas anteriores ao organicismo, inclusive, da doutrina tomista, embora a teoria de São Tomás de Aquino (1224/5-1274) sobre as paixões da alma seja muito mais complexa e detalhada. Conforme Franco, as mudanças da alma se dão em consequência do “agrado” ou do “enfado” que ela recebe ao ser afetada de um ou outro modo. Se tal mudança lhe foi agradável, concebe amor, deseja esse objeto, empenha-se em possuí-lo. Já se lhe foi desagradável, inflama-se de cólera, aborrece-se com esse objeto e empenha-se em se apartar do mesmo. Também como na doutrina tomista, para o médico mineiro, o maior problema reside na violência da paixão, em sua imoderação e, sobretudo, quando essa se torna uma disposição permanente ou hábito arraigado.

Tomás de Aquino, porém, referia-se a alterações somáticas simultâneas, como dilatação do coração na alegria e contração na tristeza. Franco, por sua vez, escreveu que um grande amor, uma grande saudade, uma grande cólera, uma grande bebedeira ocasionam “sintomas nervosos”.

Em geral, os médicos dos séculos XVI e XVII não explicavam a natureza da relação entre acidentes da alma e do corpo, mas insistiam nos casos clínicos e nos exemplos da literatura e da história que evidenciam, pelo menos, uma ação recíproca entre tormentos da alma e adoecimento corporal. A posição de Franco, bem como de outros médicos do século XVIII, parece se firmar em um momento em que essa teoria perdia espaço para outra essencialmente organicista. Essa substituição não se deu, porém, imediatamente de modo completo e absoluto. Houve, em alguns casos, como o do próprio Franco, certa permanência de traços da antiga noção psicossomática dos antigos¹.

Vários pesquisadores têm apontado contradições nos discursos modernos sobre as relações entre a alma e o corpo². De qualquer forma, é fato que importantes pensadores do século XVII propuseram novos modelos físicos e químicos para os nervos e, sobretudo, uma ampliação de suas funções de modo a abarcar fenôme-

¹ Hannes Stubbe identificou no *Medicina Teológica* uma contradição entre uma concepção materialista, inspirada no dualismo cartesiano, e uma teoria da ação recíproca entre alma e corpo. Sua hipótese é que se trata, em verdade, de uma medida preventiva a fim de evitar problemas maiores com a censura da Inquisição, o que Franco já havia experimentado na época de estudante em Coimbra. Proposital ou não, tal contradição ou concessão não evitou que o polêmico livro fosse confiscado pelas autoridades da Igreja (Stubbe 1987, p. 91).

² Pesquisas atuais têm até mesmo afirmado que a tentativa empreendida por Descartes de analisar as paixões da alma a partir de um novo entendimento da ciência e do homem deve muito às sínteses de sua época sobre o assunto, inclusive, dos tratados dos aristotélico-tomistas sobre os afetos. Carole Talon-Hugon defendeu que o *Les passions de l'âme* (1649) apresenta dois discursos. Um primeiro discurso, inovador, que visa substituir a teoria tomista das paixões enquanto movimentos da alma sensitiva, na medida em que propõe que as paixões são fenômenos fisiológicos com efeitos psicológicos. E, a partir do artigo LI, um segundo discurso, mais moderado, que pensa as paixões sob um ângulo moral, muito menos dualista e que atribui à alma uma função muito menos passiva do que no projeto inicial do livro (Talon-Hugon, 2002).

nos antes atribuídos às faculdades da alma. No entanto, Sidney Ochs advertiu que há poucas evidências de que os nervos referidos tivessem sido efetivamente observados e, a bem da verdade, eram um constructo teórico concebido para dar conta de propriedades específicas dos tecidos, muito antes de haver uma real compreensão de sua natureza celular e de seus mecanismos exatos (Ochs, 2004, p. 94).

Dentre outros exemplos da medicina francesa setecentista, uma grande influência no pensamento de Franco foi, sem sombra de dúvidas, a obra do professor da Faculdade de Medicina de Paris Antoine Le Camus (1722-1772) intitulada *La médecine de l'esprit* (1753, reeditada em 1769), citada logo na introdução do *Medicina theologica*³.

Le Camus operou, antes de Franco, uma reviravolta na idéia de medicina da alma. O campo da medicina da alma fora constituído, primeiramente, no domínio da filosofia, em analogia à medicina do corpo. O médico setecentista pretendeu, porém, estabelecer as bases de uma medicina da alma propriamente médica. O que ele propôs diferencia-se do que os filósofos antigos ofereciam enquanto terapia da alma. Não é uma cura pela palavra, mas uma medicina propriamente dita: “Nós não pretendemos, por meio da moral e da consolação puramente espiritual, aliviar as almas abatidas pelo pesar, pela tristeza e as inquietudes; nós queremos, operando diretamente sob o corpo, tornar mais livres e perfeitas as funções do espírito” (Le Camus, 1769, p. 5).

Em síntese, o mecanismo das paixões, que os filósofos antigos atribuíam à alma, dá-se pelas impressões externas, violentas ou brandas, sobre as chamadas “fibras animais” que compõem o corpo. A sensibilidade reside justamente nos nervos, sucos naturais e músculos da máquina orgânica corporal como um todo, que reage aos estímulos de modo direto e, inclusive, independente do

³ Marina Massimi afirmou que Franco realizou uma “inversão radical e consciente da tradição cultural anterior” e que a maior influência de sua psicologia médica é o sensualismo francês. Massimi ressaltou ainda que a obra de Franco suscitou reações nada favoráveis no âmbito católico, mas representou uma nova fase na história das idéias psicológicas na cultura luso-brasileira, que seria consolidada ao longo do século XIX (Massimi, 2004, pp. 59-60).

cérebro. Conforme Le Camus, a fisiologia permite essa nova compreensão da sensibilidade e, por conseguinte, da experiência dos afetos.

Outra influência explícita na proposta de Franco são os trabalhos do médico suíço Albrecht von Haller (1708-1777), que se dedicou intensamente à experimentação sobre as diferenças entre as fibras no que tange à capacidade de transmitir à alma as impressões sofridas. Nem todos os médicos do período concordavam com a fidedignidade dos procedimentos experimentais de Haller e, por conseguinte, com seus resultados, mas é inegável que ele tenha contribuído para que as fibras nervosas se tornassem um objeto privilegiado de estudo, principalmente, no que diz respeito à sensibilidade. Marisa Russo Lecointre ressalta a importância dos trabalhos de Haller para o desenvolvimento de teorias que reduziam as faculdades mentais e as emoções à matéria física (Lecointre, 2007, p. 340).

Haller defendeu que a própria formação de idéias depende das alterações materiais do sistema nervoso: “Mas está estabelecido, enquanto lei perpétua, pelo criador, que certas modificações, feitas primeiro nos nervos e depois no comum sensorio devem produzir certos novos correspondentes pensamentos na mente, os quais têm uma indissociável conexão recíproca” (Haller, 1754, vol. II, p. 92). Inclusive a capacidade de julgar corretamente é tributária das condições cerebrais: “A integridade ou sensatez do julgamento depende de uma perfeita e saudável constituição do cérebro” (*ibid.*, p. 98).

A medicina teológica de Franco pode ser pensada como um projeto de naturalizar a medicina da alma, cujos resultados permaneceram numa espécie de meio caminho. Eles não deixam de indicar, entretanto, qual a direção almejada.

Embora centrada no exame do corpo, essa nova maneira de entender e praticar o tratamento de psicopatologias conservou um forte conteúdo moral. O que se pode evidenciar nas considerações de Franco sobre a enfermidade do amor.

Considerar o amor uma enfermidade já não era uma novidade. Desde a Antiguidade, as conseqüências patológicas da paixão amorosa foram debatidas no âmbito médico, filosófico e poético. Tratava-se, porém, do amor excessivo e, sobretudo, aquele que não pode encontrar expressão, correspondência ou satisfação.

Por sua vez, Franco afirma, categoricamente, que todo amor é sempre doença e a infinidade de males causados por ele consiste no prejuízo das fibras nervosas. O amor ora contrai ora relaxa as fibras nervosas produzindo mudanças corporais diversas:

Produz o amor a loucura porque, originando-se esta da decomposição das fibras nervosas, que entram na textura do cérebro – e esta decomposição, provindo da nímia atenção que se dá a qualquer coisa, vem a ser certo que o amor causa esta loucura; porque ele é o que fixa o pensamento sobre o objeto amado, descompõe a fábrica interior do cérebro, levanta o tumulto nos fluidos nervosos e desordena a conexão das idéias sobre que se ocupa (Franco, [1784], 1994, p. 41).

Os sintomas de todas as enfermidades do amor expressam-se pelos olhos. Eles são fundos, tristes, abatidos ou excessivamente vivos, acesos e inquietos, sobretudo, quando há a suspeita da privação do objeto amado. Alegam-se quando ouvem falar do objeto amado e quando o vêem, ficam confusos e o pulso altera-se, tornando-se fraco e desigual. Algumas pessoas sofrem alterações no sono, recusam-se a se exercitar, e só aceitam os divertimentos que envolvem o objeto amado.

Franco relatou o exemplo de um homem apaixonado pelas ciências. Esse não abandonava os livros hora alguma, nem durante a noite. Dormia ou saía para passear com os livros. Quando alguém lhe dava um livro novo, ele não cessava enquanto não o lesse todo. Seu corpo tremia durante a leitura e ele confessava uma fraqueza generalizada ao término da mesma.

No momento da leitura, não sentia dor alguma, contanto que o deixassem desfrutar do objeto amado. Comia pouco, passava as noites em meditação. Oscilava entre a clausura dos estudos e o desejo de tudo ver, freqüentava todas as academias, faculdades e sábios. Evidentemente que tanta paixão somente poderia destruir a saúde.

Em geral, o remédio prescrito por Franco consiste, em primeiro lugar, na mudança do objeto, obrigando-os a fixar sua atenção nesses outros objetos alternativos, para ocupá-los e impedir que fossem “arrastados pelo objeto amado” (Franco, [1784], 1994, p. 44). O que não diferia muito, na realidade, dos remédios propos-

tos por padres⁴. O sábio que só pensa em seus livros deve ir trabalhar na lavoura. Um amante de muitas mulheres deve se casar, etc.

Além de mudanças nos hábitos, uma prescrição tradicional da medicina da alma, os remédios para os males do amor deveriam agir diretamente nos nervos. Sobre o furor uterino, por exemplo, ele defende que é simplesmente uma inflamação e é como tal que deve ser tratada:

Do que fica dito se conhece que esta enfermidade deve ser tratada como uma inflamação; e na verdade, os anatomistas em todas aquelas mulheres que têm morrido neste estado acharam inflamadas não só aquelas partes, que no corpo estão situadas no exterior, mas também no interno, que entram em sua composição ou têm alguma dependência (Franco, [1784], 1994, p. 67).

Embora prescreva medicamentos propriamente físicos para curar a enfermidade amorosa, não deixa de considerar que as pessoas mais suscetíveis a esse mal são os jovens cuja educação foi permissiva e o acesso aos prazeres do corpo muito facilitado. Quando essas pessoas se vêem privadas do objeto de seu amor experimentam inúteis desejos, desesperam-se, enchem-se de tristeza e melancolia ou adoecem e enlouquecem.

Além disso, os tais remédios físicos, sobre os quais Franco descreve minuciosamente as receitas de preparo, caracterizam-se essencialmente pelo seu amargor e efeito nauseante. Em outras palavras, eles seriam uma penitência moral materializada em preparado químico.

Isto fica evidente especialmente para as manifestações da sexualidade observadas em várias psicopatologias do amor, como a ninfomania. Conforme Franco, além de persuadir as ninfomaníacas de que elas sofrem de uma enfermidade rebelde e perigosa, física e moralmente, o confessor deve encaminhá-las aos médicos

⁴ Padre Antônio Vieira (1608-1696) também recomendava a mudança ou melhoria de objeto para sanar as enfermidades do amor humano, em especial, voltar a força da paixão para Deus. Ver Raquel de Assis (2001) e Paulo José Carvalho da Silva (2008). Aliás, tanto Vieira como Franco parecem fazer uma interpretação dos remédios do amor propostos pelo poeta latino Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) em seu *Os remédios do amor*.

para que esses possam curar a inflamação. Os médicos atuam com sangrias, purgantes anti-sépticos e antiflogísticos, comidas e bebidas refrigerantes (como alface, chicória e limonadas, entre outros), banhos e preparados químicos⁵.

Eram indicados remédios refrigerantes, reparadores das forças e amargos. Os refrigerantes atuam no excesso de calor sexual. Os reparadores restabelecem os líquidos e forças perdidas. Os amargos contribuem para o amortecimento dos sentidos. Esses últimos seriam uma mistura de penitência, disciplina do corpo e desestimulantes. Além de vegetais amargos, eles incluem exercícios penosos, como rachar lenha, cavar com enxada, viajar a pé, dormir em tábuas duras, banhos frios, orar de joelhos e até mesmo, ironia ou não, ler livros santos. Franco julgava esses exercícios amargos muito mais convenientes do que as disciplinas e os rosários tradicionalmente usados pelos confessores para castigar os pecadores.

O médico prescreveu diferentes receitas de remédios físicos ditos anti-afrodisíacos, cujo principal efeito seria um “refrigério saudável”, capazes de aquietar o espírito ou moderar as paixões, ou seja, em suas palavras: “o que se deseja em todos os sistemas morais e filosóficos, mesmo naqueles que querem que as paixões se extinguam e não se mortifiquem somente” (Franco, [1784], 1994, p. 85).

Pode-se concluir que o organicismo que fundamenta a *Medicina theologica* de Francisco de Melo Franco representou uma nova perspectiva de pesquisa sobre o humano, mas nem por isso o tratamento nele proposto foi menos moralista do que a abordagem propriamente teológica das paixões da alma.

⁵ Franco, aliás, avisou que alguns preparados, sobretudo os que levam vitriolo, podem refrigerar tanto que induzem a esterilidade. O que pode não ser desejável no caso das mulheres casadas, embora fosse considerado adequado às religiosas. Essas últimas, quando frias, viveriam com mais paz de espírito e cumpririam seus votos e exercícios espirituais com mais perfeição. Isso indica, mais uma vez, como o médico mineiro supunha o quanto as condições somáticas determinam o exercício das potências morais.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com apoio da Fapesp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Raquel. A fineza do amor nos sermões do mandato do Padre Antônio Vieira. Pp. 65-77, *in*: MASSIMI, Marina; SILVA, Paulo José Carvalho (orgs.). *Os olhos vêem pelo coração. Conhecimentos psicológicos das paixões na cultura luso-brasileira dos séculos XVI e XVII*. Ribeirão Preto: Holos/Fapesp, 2001.
- DESCARTES, René. *Les passions de l'âme*. Paris: Vrin, 1999.
- FRANCO, Francisco de Melo. *Medicina theologica* [1784]. São Paulo: Editora Giordano, 1994.
- HALLER, Albert von. *Dr Albert Haller's physiology: being a course of lectures upon the visceral anatomy and vital oeconomy of human bodies : including the latest and most considerable discoveries and improvements, which have been made by the most eminent professors, through all parts of Europe, down to the present year*. London: W. Innys and J. Richardson, 1754. 2 vols.
- LE CAMUS, Antoine. *La médecine de l'esprit*. Paris: Ganeau, 1769.
- LECOINTRE, Marisa Russo. Emoção e cognição: uma abordagem científica das emoções. *Filosofia e História da Biologia* 2: 337-349, 2007.
- MASSIMI, Marina. As idéias psicológicas no Brasil nos séculos XVII e XVIII. Pp. 49-69, *in*: MASSIMI, Marina; GUEDES, Maria do Carmo (orgs.). *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Educ/Cortez, 2004.
- OCHS, Sidney. *A history of nerve functions: from animal spirits to molecular mechanisms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- OVÍDIO. *L'Art d'aimer. Les Remèdes à l'amour. Les produits de beauté pour le visage de la femme*. Trad. francesa de H. Bornecque. Paris: Gallimard, 2007.
- SILVA, Paulo José Carvalho. A dor de amor na medicina da alma da primeira modernidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* 11 (3): 475-487, 2008.
- STUBBE, Hannes. *Geschichte der Psychologie in Brasilien. Von den indianischen und afrobrasilianischen Kulturen bis in die Gegenwart*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1987.

TALON-HUGON, Carole. *Les passions rêvées par la raison. Essai sur la théorie des passions de Descartes et de quelques-uns de ses contemporains*. Paris: Vrin, 2002.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Vol. 12. Edição latina-portuguesa de A. Correia. São Paulo: Siqueira, 1954.